

## 5.

### Considerações Finais

Este trabalho prescinde de uma conclusão. Não apenas porque os capítulos são, em si, conclusivos, como também porque o fenômeno que me dispus a conhecer se encontra ainda em construção – a APAFunk. Optei, então, por apresentar, ao final desta dissertação, algumas considerações capazes de acentuar aspectos específicos do trabalho, sem a pretensão de que elas venham a aportar reflexão nova ou sistematizar o exposto até aqui.

A primeira consideração diz respeito ao recorte do trabalho. Como se terá percebido, não trato o funk como fenômeno estético, gênero musical ou opção comportamental dos jovens pobres das periferias brasileiras. Não trato, aliás, do funk, embora considere o tema muito relevante e reconheça o fato de que ele vem sendo devidamente valorizado pela literatura social contemporânea. Contudo, a abordagem do funk, sob qualquer uma das linhagens analíticas apontadas, se distanciaria bastante do que tem sido o eixo dos meus estudos nos últimos três anos, exigindo um investimento intelectual incompatível com o tempo de duração de um mestrado.

Acredito que a minha reflexão sobre a APAFunk poderia ter sido enriquecida, caso tivesse lidado também com a dimensão cultural. Principalmente porque o MC Leonardo, líder da APAFunk, é sempre incisivo ao afirmar que tem como principal objetivo – pessoal e institucional – fazer com que o funk seja reconhecido e considerado “cultura”, isto é, seja inscrito no veio principal do movimento musical brasileiro. A ausência, pois, nessa dissertação, de uma incorporação mais efetiva da sociologia da cultura revela, talvez, uma deficiência a ser sanada em trabalhos futuros.

Outra consideração relevante – e que, em parte, contraria o sentido auto-crítico da primeira – é a que concerne ao privilégio que dispensei à sociologia política e, mais especificamente, aos textos sociológicos dedicados à nova face da democracia contemporânea. Creio ser original a vinculação que proponho entre a

APAFunk, uma associação de funkeiros, e o debate contemporâneo sobre os novos movimentos sociais, pois, de modo geral, têm sido mais frequentes as pesquisas que traduzem a experiência de músicos – mesmo quando se trata de experiências políticas –, na chave analítica dos movimentos culturais.

É claro que, para essa inovação, contei com o suporte teórico extraído da obra de Alberto Melucci, extensamente apresentada nessa dissertação. Segundo o autor, o que distingue os movimentos sociais da atualidade daqueles da segunda metade do século XX, é o fato de que, hoje, os chamados “novos” movimentos sociais se estruturam na esfera da cultura, em arenas de discurso cada vez mais amplas e inclusivas. Portanto, se, por um lado, o pressuposto da incorporação dos segmentos até então marginalizados é uma evidência do otimismo de Melucci, por outro lado, esse otimismo é atenuado pelo reconhecimento de que, com tal incorporação, a disputa entre códigos culturais diversos é muito maior. Melucci, assim como os demais teóricos da democracia contemporânea, tem sublinhado o fato de que não é mais possível figurar um discurso apenas, homogêneo e totalizante, para representar a experiência social e política das sociedades de massa. Todos esses teóricos destacam, então, a positividade do conflito, considerando o embate entre diversos códigos culturais como a principal mola da democracia do nosso tempo. Nesse caso, minha pesquisa sobre a APAFunk procurou contribuir para tornar mais visível a polifonia presente no mundo urbano brasileiro.

A questão democrática, porém, tão presente nessa dissertação, não foi uma escolha, um tópico estabelecido a priori. Nasceu das incessantes referências do MC Leonardo à importância do funk para a inscrição da favela e de sua cultura no vocabulário político da democracia brasileira. Leonardo encarna um tipo de liderança que, embora não proponha nenhuma articulação orgânica entre os diferentes movimentos sociais em vigência no país, reconhece a importância de se conceder a cada um deles uma dimensão mais ampla, que extrapole a especificidade de seus públicos e se conceba como uma estratégia geral de afirmação política do mundo popular. Nesse sentido, foi a escuta que me permitiu trazer o tema da democracia e a abordagem da sociologia política para o tratamento da APAFunk.

A terceira consideração é a que destaca a problemática mercantil presente no discurso do MC Leonardo. O mercado – ou melhor, a sua expressão imperfeita – foi o que o moveu, originalmente, a organizar funkeiros e simpatizantes em torno de uma associação. É claro que, aos poucos, a consciência da relevância de se dar voz aos subalternizados se foi impondo. Mas, no documento “Funk é cultura”, é o diagnóstico sobre a injustiça distributiva no mundo funk que preside a defesa da APAFunk. Tal diagnóstico aponta para os contratos abusivos a que estão submetidos artistas e trabalhadores, destacando como responsáveis por isso tanto os funkeiros de “primeira geração” – que controlam a organização da maioria dos bailes –, quanto as gravadoras monopolizadas por poucos empresários, que tendem a forçar a mão na “putaria”. O fato é que, para a liderança da APAFunk, o mercado movimenta grandes cifras, mas distribui de forma concentrada e injusta. Nesse sentido, a associação seria um instrumento de correção desse aspecto.

O ponto a ser destacado, nesse passo, é que o MC Leonardo possui absoluta clareza quanto aos interesses econômicos dos praticantes do funk e não separa esse tema da questão democrática geral. Isto é, em Leonardo, não há uma polarização entre economia e política ou, em termos toquevilleanos, interesses e virtude pública. Diferente das lideranças de tipo “jacobino”, em que a devoção ético-moral ao público inviabiliza – ou, pelo menos, oculta – as questões individuais, as lideranças da APAFunk afirmam o tema democrático em chave “americana”. Em outras palavras: a afirmação política do mundo popular não precisa condená-lo ao voto de pobreza.

Finalmente, a última consideração diz respeito aos tradutores do funk, isto é, a extensa rede de apoiadores, pesquisadores, políticos, jornalistas, divulgadores de gravadoras e consumidores que recebem aquele produto e se dedicam a aproximá-lo, de diferentes maneiras, da sociedade inclusiva. Nesse sentido, os dois professores doutores, Adriana Facina e Marcos Alvito, que convidaram o MC Leonardo para proferir palestras em suas respectivas salas de aula, representam um tipo de tradutor que a literatura antropológica costuma chamar de mediadores. Os mediadores são, na verdade, os que operam a transição entre um discurso oriundo de um território físico e simbólico específico para um público não proveniente dele.

Mais recentemente, a universidade tem aprofundado sua participação nesse processo de mediação entre mundos sociais diversos, pois a própria atividade de pesquisa implica uma ação de reconhecimento, recorte do objeto e construção de uma versão compreensiva do fenômeno tratado. Alguns grupos de pesquisadores têm dado a essa operação o nome de “tecnologia social”, pois se trata de uma transferência de conhecimento produzido por cientistas a comunidades que sofrem os problemas, mas não têm reflexão – e, portanto, controle – sobre eles. Essa é uma forma de “mediação”. Não é a única, contudo. Leonardo é um mediador, assim como a máquina de tradução do funk que ele construiu e vem operando – a APAFunk.

Isso nos coloca em posições semelhantes: ambos tentamos compreender o fenômeno do funk na sociedade brasileira contemporânea e traduzir a nossa compreensão para atores relevantes do mundo social e político. Talvez resida nisso a minha identificação com o MC Leonardo, com suas expectativas em relação à APAFunk e sua perspectiva de transformação da subalternidade dos jovens pobres em tema de reflexão para eles próprios.